



TATIANA GARRIDO

**Lampejos de começos e finais: as inquietações das
crianças nas clareiras do dia a dia e da noite**

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Me. Josca Ailine Baroukh, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".

**São Paulo
2022**

AGRADECIMENTOS

Francisco, pela dimensão da vida com você. Catarina, pelas nascentes que sempre existirão. Daniel, pela firmeza do viver. Vó Conceição, pelas cidreiras colhidas, fervidas e amornadas. Mãe, por desejar vida. Gabriela, pela palavra lampejo e tantas outras. Josca, por dar as mãos até o final e ao que sucede. Adriana, por ser vez e voz das crianças.

Pisei na Lua

E dei os primeiros passos de novo
Um pião em emoção cambaleante
Fui até as primeiras vezes
Chorei no enterro do pintinho
Tinha cor amarela impossível de matar
Falei palavras extraterrestres
Uma delas, encontrei dentro de uma egg sponge com geleia doce de mocotó
A outra nasceu da longa casca de laranja descascada pela minha avó
A palavra 3 veio do Sul
Escorreu da janela do carro enquanto eu contava caminhões de banana
Na Lua, palavras grudaram em meus dentes feito pipocas murchas
Quis falar manteiguinha
Ralei meu joelho adulto
Senti dor de outra época
E alegria que não sabia de onde vinha
Tive medo de atravessar o cruzamento
Mas também coragem-pontuda de São Jorge
Quando a Lua se encheu de contrações
Gritei no espaço
Os ecos eram crianças vestidas com coroas de fogo

Tatiana Garrido

RESUMO

Os começos e os finais, a vida e a morte, são temas grandiosos que acompanham os pensamentos e andanças de cada um(a) de nós, da humanidade. Neste texto, fruto da Pós-graduação “A vez e a voz das crianças”, os dizeres das crianças, entremeados por grifos da literatura, filosofia, antropologia e arte, alargam reflexões, percepções e sensações sobre tais temáticas. Os protagonistas das falas sobre a existência, seus mistérios, angústias, intensidades e sutilezas são: meu filho (investigador que está do antes e depois da vida), minha avó, minha criança e meus alunos e alunas da Educação Infantil. Registro palavras e gestos, me importando com as perguntas, poéticas e contexturas da vida. Uma conjunção de vozes das infâncias traz para esta pesquisa lampejos sobre nossa existência.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Existência. Vida. Morte.

ABSTRACT

Beginnings and endings, life and death, are grandiose themes that accompany the thoughts and wanderings of each one of us, of humanity. In this text, a result of the Postgraduate course “The turn and the voice of children”, the children's sayings, interspersed with highlights from literature, philosophy, anthropology and art, broaden reflections, perceptions and sensations on such themes. The protagonists of the speeches about existence, its mysteries, anguish, intensities and subtleties are: my son (a researcher who is in the before and after life), my grandmother, my child and my students from Early Childhood Education. I register words and gestures, caring about the questions, poetics and contexts of life. A combination of voices from childhood brings glimpses of our existence to this research.

KEYWORDS: Children. Existence. Life. Death.

SUMÁRIO

1. TUDO O QUE SE VIVE NA INFÂNCIA É O PARA SEMPRE.....	1
1.1. O que o adulto vê, a criança desvê?.....	2
1.2. O que da Lua escorre?.....	4
1.3. Lampejos de começos e finais.....	6
2. MEUS PRIMEIROS PASSOS DE NOVO	8
2.1. O chão quente e um cobertor frio.....	9
2.2. Maçã lustrosa.....	11
3. DIÁLOGOS MISTERIOSOS COM FRANCISCO, MEU FILHO	13
4. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: ESCUTANDO COMEÇOS, ARREDONDANDO FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1. TUDO O QUE SE VIVE NA INFÂNCIA É O PARA SEMPRE

A criança só conhece totalidades.

Walter Benjamin (2022, p. 130)

No caminhar da vida, foi ficando cada vez mais evidente para mim que as crianças são marcas ativas na nossa existência. Olho para as minhas relações familiares pela perspectiva de quando era pequena, observo a expressão única e pungente das crianças das quais fui/sou professora, gesto e vejo nascer e crescer meu filho Francisco e Catarina e, ainda, entre muitas outras escutas das infâncias, volto para o tempo de criança da minha avó, como se estivesse lá com ela, e a vejo mais inteira em suas fragilidades e intensidades. Vó Conceição, cuja passagem se aproxima e, por isso, todo o fio de sua vida parece se revelar cada vez mais umbilical, humano.

Me alinho com o que diz Plínio W. Prado Jr. (2010, p.55) em análise do cinema de Ingmar Bergman como uma obra em busca da infância. Ele diz: “E essa infância em mim, esse corpo-psique destinado, que não pode ser, contudo, conhecido nem ignorado, ficará aí, ativo e eficaz, toda a minha vida.”.

Enquanto estudo o que será deste texto, um enunciado vai se apresentando: quem narra a vida são as crianças. São autoras das suas experiências e espalham o que criam e vivem. Nucleares, estão presentes nas pessoas que somos e nas tessituras das nossas histórias. Por isso, o título “Tudo o que se vive na infância é o para sempre”.

Em “Bichinho de Luz”, Cecília Pisos (2019, s.p.) faz poesia com uma criança e uma estrela, misturando as luzes das duas. A criança é a estrela e vice-versa.

Abrilantada

De lanterna na mão,
todas as noites subo num banquinho
do quintal;
procuro minha estrela.
“Você é que parece
uma estrelinha”

minha avó ri
lá da janela.
Eu não respondo.
Só me estico um pouco mais
e acendo apago acendo.

Pouco depois,
escuto o tictic
de um besouro
subindo ligeiro apressado
pela lanterna
que caiu no chão.
Meus olhos já são pura estrela
e o brilho
está chegando ao coração.

Os brilhos de cada uma, das duas em constelação, são tão grandiosos que permanecem no céu da gente.

1.1. O que o adulto vê, a criança desvê?

Sendo as crianças intermináveis em nós enquanto sujeitos e humanidade, suas expressões precisam ser consideradas, apreciadas, não só pelo dever que temos em respeitá-las, mas também porque as crianças trazem outros – e importantes – modos de compreender e viver toda a vida. É primordial que saibamos ver as tantas crianças, inclusive as nossas, com atenção.

Josca Baroukh e Paula Fontana Fonseca, no livro “Venha conhecer o mundo”, lembram da importância de agachar para nos movimentarmos na direção da perspectiva das crianças. Assim, abaixados, um pouco desacomodados, as convidamos a ver o mundo no qual chegamos antes e, elas, por sua vez, nos levam a rever e recriar o mundo que acabaram de conhecer. Como dizem as autoras, “Se o mundo está óbvio demais para o adulto, ele é todo um enigma para as crianças e os poetas.” (BAROUKH E FONSECA, 2022, p.33)

Desver é ação que parece se relacionar com o ver das crianças, já que enxergam com o imaginário e com o olhar de quem não está acostumado. Habitamos outras esferas ao nos colocarmos em estado de presença diante delas. Este texto é um resguardo da escuta da poética e do filosofar das crianças a respeito dos ciclos da vida, sendo assim, é também uma proposta: (des)ver a vida narrada pelas crianças

e se deparar com o alargamento vindo de um olhar imaginoso, nascente e perguntador. Walter Benjamin (2022, p. 38) explica que

a faculdade da imaginação é o dom de fazer interpolações no infinitamente pequeno, de inventar para cada intensidade, enquanto algo de extensivo, uma nova e densa plenitude, em suma, de tomar cada imagem como se fosse a do leque fechado que só ao desdobrar-se respira e com essa nova amplitude evidencia no seu interior os traços da pessoa amada.

Para desvermos, é preciso lembrar que a criança se comunica com seu corpo todo e que, portanto, nosso campo perceptivo deve se propor à dilatação. Há uma sensorialidade lampejante no que as crianças manifestam. Eduardo Galeano (2011, p. 30), conta um sonho de Helena, sua esposa, em que ela esquece todos os sonhos guardados numa ilha. Quem descobre o esconderijo são as crianças e, então, resolvem “vestir aquelas fantasias incríveis”. O viver das crianças é de descoberta e diversificação dos sonhos de ser. “Mãe, hoje eu combinei com o Francesco que vou encontrar com ele no sonho”, disse Francisco sobre o trato que fizera com um grande amigo.

Ailton Krenak (2019, p. 32) afirma que

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. (...) Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência.

Sonhos, imagens, gestos, danças, músicas, coleções, palavras, sustos, jogos... as linguagens das crianças são experimentações inteiras. O que absolutamente não quer dizer que podemos nos saber por completos, mas sim complexos e poéticos. Reconhecendo esta forma de experienciar a vida, contribuimos para levar as crianças (e a nós mesmos) da potência ao ato, experimentamos melhor as transformações inerentes à nossa natureza, assim como podemos nos tornar mais presentes em nossos processos.

Ailton Krenak (2019, p. 26) segue contribuindo

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover.

Enxergar com olhos de ver e desver o que as crianças têm a revelar parece ser um movimento de aproximação com nossa humanidade, nossa natureza e com os sentidos da vida que tantas vezes provocam o embaraçamento das palavras. David Le Breton (2016, p. 27) nos chama a atenção para o olhar, a escuta, o tato, a gustação, a olfação, como atividades que “banham a nossa percepção”:

A percepção é um acontecimento do sentido lá onde a sensação é uma ambiência esquecida, mas fundadora, despercebida pelo homem a não ser que ela se trejeite em percepção, isto é, em significação. Ela é, pois, o acesso ao conhecimento, à palavra. Nem que seja para dizer seu embaraço diante de um som misterioso ou de um sabor indefinível.

Nem que seja para dizer da sua turvação sobre o que vem antes da barriga e o que acontece depois de morrer.

1.2. O que da Lua escorre?

Ainda engajada com os dizeres de Krenak, sublinho que, assim como os povos originários, as crianças estão em maior comunhão com a natureza. Pelas lentes delas, a Lua vai parar na barriga do Saci, na unha do dedo indicador, na bolha d'água, nas rodas de conversa... Elas mostram que a Lua é como um órgão do nosso corpo ou um ente querido. Quando o adulto se esquece disso, lá vai a criança bater papo com a Lua, derramar palavras sobre existência e nos lembrar das importâncias da vida. “Ô Dona Lua, hoje você chegou cedo, não acha?”, disse Francisco, aos 2 anos, quando encontrou com a Lua no céu do dia.

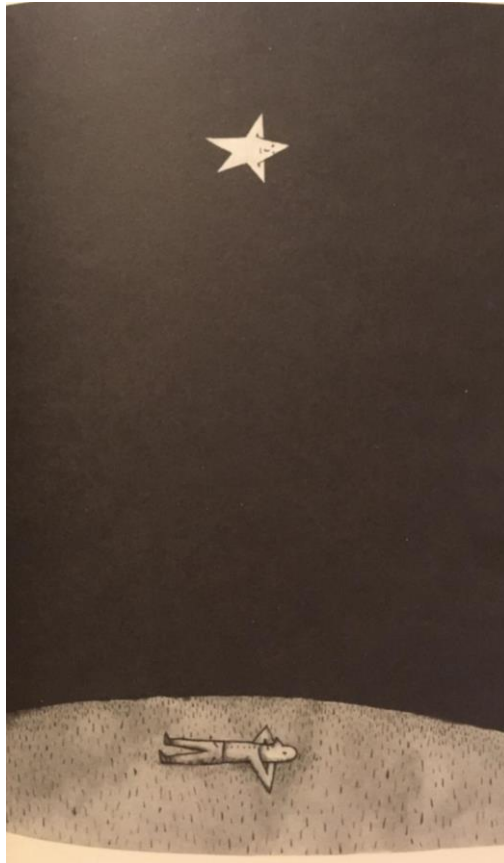


Figura 1

Fonte: Troche, 2021, s.p.

São infinitos os temas que podem se complexificar quando damos vez e voz para as crianças tratarem deles a partir de suas maneiras de ver o mundo. As imagens que as crianças constroem são belas e subversivas, porque seminais. Ao recorrermos a elas, oferecemos à vida diversos níveis de significado. No encontro com falas, cenas, brincadeiras, questionamentos de crianças, acontece de a vida se manifestar maior.

A vida não ganha volume ao gerarmos espaços para dialogarmos sobre questões essenciais à existência? Sobretudo, ao entendermos, como parte das elocubrações, as tantas formas de ver a vida que se desvelam nas vozes das crianças, das pessoas diferentes de nós, dos idosos? Volto, então, à defesa do resguardo da poética e da complexidade: deixemos a criança e a Lua dizerem para nós sobre nossa essência.

1.3. Lampejos de começos e finais

Escolhi, portanto, registrar assuntos grandiosos expressados por crianças. Os começos e os finais, as inaugurações e as conclusões, a vida e a morte aparecerão feito clareiras lampejando em nós.

Após ter feito a defesa da escuta das crianças, passo, portanto, a investigar alguns medos e cobertores da minha infância, sobrepenso a permanência da minha avó, intitulo, transcrevo e me inscrevo em diálogos com meu filho Francisco sobre a morte e a respeito do que vem antes de estarmos vivos. E, por fim, arredondo os começos e os finais em uma mesma esfera.

Faço essa concisão, atenta às pequenas situações do dia a dia que se manifestam também em Catarina, minha filha que nasceu enquanto eu começava a escrever, e inspirada por todas as crianças que foram ou são minhas alunas. Pode ser que Catarina e minhas alunas não apareçam em suas individualidades, mas no reconhecimento de que cada criança faz eco em mim e na humanidade.

Roger-Pol Droit (2005, p. 7) aponta que “todo o mundo, particularmente as crianças e os adolescentes, se indaga sobre o sentido da vida, sobre a morte, a justiça, a liberdade e outras questões essenciais”. E mesmo que não sejam tão diretas e óbvias, tais inquietações são saberes que parecem remontar, resgatar e reinventar a vida, dando cadência e continuidade a ela.

O começo de uma brincadeira, por exemplo, é tal qual um nascimento em toda sua potência e plenitude. As crianças, muitas vezes, chegam na areia assim: “Vamos cavar um buraco para chegar do outro lado?”. Um aluno disse em voz de convocação: “Quem acha uma pedra no meio de todas as outras pedras?” e assim deu origem a uma caça às pedras preciosas. Catarina está sempre com um balde ou uma cestinha na mão, carregando vida de lá para cá e de cá para lá.

Encontramos muitas condensações nas crianças. Como as sementes não são apenas um início do que está por vir, mas um cosmos em si. Rubem Alves traz uma cena que enriquece tais imagens: “Faz muito tempo, deitado sob um flamboyant, tive umas ideias esquisitas. Olhei para suas minúsculas folhinhas e pensei que talvez cada uma delas fosse o universo” (2015, p.115).

Parei para contemplar essas tantas minusculezas lampejantes também em função das instigações da pós-graduação “A vez e a voz das crianças, escutas antropológicas e poéticas das infâncias”, para a qual escrevo este trabalho. Em primeiro lugar, é um percurso que se propõe a acolher as infâncias. O nome dado à especialização já nos conta a que veio e, portanto, me coloca para escutar a minha criança e tantas outras que são protagonistas na constituição, construção do mundo.

Nos meus processos de escuta, a palavra lampejo é revelada por possuir em sua aura o mistério e o cintilar. Como o relâmpago, tem intensidade, faz clareira, chama a atenção e repercute. Também diz de um ato de criatividade. Por último, tem definição dita no encontro entre dois corpos ou na ação de um corpo em brasa. Ver acesas as perguntas e, portanto, a vida, é um propósito aqui.

2. MEUS PRIMEIROS PASSOS DE NOVO

Ainda não estamos habituados com o mundo. Nascer é muito comprido.

Mendes (apud PRATA, 2013, página)

Antonio Prata (2013) escolheu esta citação para começar sua autobiografia. Acendeu uma luz em mim. Luz de luar. Interplanetária, geracional, que é o abajur da minha infância e da beirada da cama dos meus filhos. Luz de penumbra que não deixa nada, nem ninguém, apagar completamente. Uma vez uma aluna de 5 anos estava devaneando com seu amigo sobre a morte da noite e disse: “a morte da noite é a mesma da lua”. Suscitou-me luz de anunciação de uma existência longa em que me reconheço, reconheço a ti, e que me deixa duvidosa sobre os começos e os fins. Me ocorre que essa medida incalculável tem o comprimento das infâncias.

No livro “Quando nada está acontecendo”, no qual Noemi Jaffe dá a ver o broto da vida em muitos nadas, tem uma poesia com o nome flor:

Depois de sessenta anos, minha mãe voltou para Budapeste com as três filhas. Estávamos passeando por uma avenida importante, quando ela parou, arrancou uma flor de um canteiro, tirou a haste e soprou: a flor fez um barulho como o de um apito, era uma brincadeira que ela fazia quando era pequena, e ficamos nós três, arregaladas, olhando minha mãe ser pequena outra vez. (JAFFE, 2011, p.67)

Quanto da criança não encontramos em todas as fases da vida e neste espaço, do não saber, que antecede e sucede a vida?

Como a criança que não acaba quando cresce, e como a pergunta e a vontade de existir que não terminam enquanto se ouve a criança, a imagem da Lua ocorre em mim, entre outros motivos, por possuir a luz que não deixa o escuro ser completo. É a Lua que garante a luz quando chega a noite.

Já em “Amarelo”, do mesmo livro sobre acontecimentos no nada, a autora mostra o encontro com a avó que não está: “hoje eu vi um corcel amarelo da cor do pudim de laranja que minha avó fazia” (JAFFE, 2011, p.43).

Em conversa com a minha avó materna, ela me disse que, em sua “gravidez normal”, ela simplesmente levava a vida trabalhando como fazia antes. Não sentiu

nada diferente, apesar de ter ficado “inchada e redondinha”. Não tinha informações científicas sobre a gestação, as únicas notícias vinham da Lua – era Ela quem dizia sobre as chegadas. Compreendo, pois, que somos de carne, osso e luar.

Já eu, pouco olhei para a Lua como regente, apesar de gostar de ter alguma claridade na noite. Quando criança, antes de dormir tinha medo da morte e, ao acordar, colecionava perguntas-origem que pareciam não importar tanto a alguns adultos, pelo motivo de terem principiado em corpo de criança.

Filha única de pais separados, passava a maior parte do tempo com a minha mãe e avó materna, acolhedoras dos meus medos e encantamentos, pessoas do sempre. Ao chegar na casa do meu pai, as roupagens eram outras, admirava aquele homem que pouco via, mas também me sentia imensamente sozinha ao dormir em quarto no final do corredor, sem conversas de preparar o sono e com dizeres de intenções evangélicas postas na relação pai e filha.

Faz pouco tempo, minha avó Conceição chegou bem perto de morrer. Andei em um corredor de hospital, longo como o que ficava entre o quarto do meu pai e o meu, até chegar aonde ela estava. Quando a encontrei, sedada e com os pés frios, a primeira coisa que fiz foi segurar em seus dedos de unhas grossas e compridas para levar o meu calor até seu corpo. Em seguida, consegui dar o recado do Francisco, que tinha 3 anos na época. Antes de visitá-la, perguntei a ele o que gostaria que eu falasse para bisá que estava doente. Ele respondeu: “Tudo”. Inundada, assim falei: “Vim aqui te dizer tudo e não tenho palavras para isso, espero ter conseguido”. Até hoje minha avó não fez sua passagem e inclusive acordou daqueles dias, mas, assim, meu filho me ensinou o que dizer diante da possibilidade da morte dela.

Vale contar: foi minha avó quem me deu a mão nas minhas primeiras caminhadas. Isso me parece tudo.

2.1. O chão quente e um cobertor frio

Voltando à autobiografia “Nu, de Botas”, de Antonio Prata, ele começa contando sua história de criança trazendo um chão das infâncias. Descreve os ladrilhos que são dele, meus e de quase todas as crianças. Tem muita coisa que é

para quase todas. Experiências nos juntam e, ao mesmo, tempo nos tornam tão únicos.

No piso do quintal, ladrilhado com cacos de cerâmica vermelha, via um elefante de três pernas, um navio, um homem de chapéu fumando cachimbo. Na manhã seguinte, as imagens haviam mudado: o homem de chapéu era um bolo mordido; o elefante parte de um olho enorme – a tromba, um cílio -; o navio zarpara, deixando para trás apenas cacos de cerâmica vermelha no piso do quintal. (PRATA, 2013, p. 9)

O chão de ladrilhos cor de tomate da casa da minha outra avó, Hilda, tinha pouquíssimos cacos amarelos que interrompiam a vermelhidão. Talvez alguns brancos também. Mas era o vermelho todo que, ainda bem, me fazia quase sumida. Podia estar no centro, nos cantos, na beirada da varanda, independente do lugar, o meu tamanho tinha que ser pequeno. Assim, os adultos de lá (exceto a vó Hilda) deixariam de me ouvir. É que, se me percebessem muito, poderiam pensar que eu estava fazendo coisas erradas. Não porque estivesse fazendo coisas erradas, mas era isso que achavam das crianças. Éramos “crianças terríveis” ou “crianças fofinhas”. Eu, que era mais para “fofinha”, queria longura da possibilidade de me acharem terrível.

Adultos amáveis, sim, e ameaçadores, também. Viviam a esquentar os chinelos e as cintas para os meus primos. Eu gostava um pouco de brincar com os primos, mas era uma brincadeira amedrontada. Os primos procuravam, bem mais do que eu, os proibidos. O grito da minha tia corria os caquinhos, estilhaçando minha vontade de brincar e de falar. Já os filhos dela quase não ligavam para o barulho estrondoso.

O chão é quente até hoje.

Na família do meu pai, eu mudava as palavras para não contar tanto de mim. Fazia isso especialmente com os adultos que me causavam medo ou que enfatizavam os diminutivos do tipo bobinha. Por vezes, nem falava nada, era a “quietinha”, a “envergonhada” e a “chorona”. Conter o choro era impossível, mas escondê-lo embaixo do cobertor da casa do meu pai era possível. O cobertor era frio.

Já as mãos da minha mãe e das minhas avós me faziam dormir mais aquecida do que embaixo da coberta. Com elas, eu não pensava para falar, bastava dizer. Em cada gesto, palavra, diante da maciez protetiva delas, eu me expressava. Com elas,

eu era medrosa, corajosa, um pouco terrível e autêntica. Com elas, podia me entregar à vulnerabilidade do sono. Lembro-me de Antonio Prata (2013, p.20), quando escreve sobre sua mãe:

O mundo era vasto e assombroso, mas uma mulher capaz de escovar os dentes, andar pela casa e ainda exercer outras atividades certamente tinha condições de me proteger de todos os perigos, de modo que agradá-la e receber em troca seu sorriso era o que mais me importava: bastava ver seus lábios se movendo, seus olhos se comprimindo, e a paz era instaurada.

Assim era na nossa casa. Tinha comigo duas mulheres, Miriam, minha mãe, e minha avó Conceição, mais assombrosas que o mundo, maiores que a própria vida. Mas, e se uma delas morrer? Eu me perguntava no dia a dia e nas clareiras da noite.

2.2. Maçã lustrosa

Depois que nasci mãe, sei melhor que não vou morrer por inteira, mas também tenho um medo mais compreensível da morte.

Minha avó Conceição me contou que aos 13 anos trabalhava como doméstica na casa de uma “portuguesa miserável” que a deixava comer ½ ovo frito. Só. As maçãs que minha avó lustrava, ficavam na fruteira como enfeites. Não podia dar uma mordida. “Mas naquela época não tinha esse negócio de tristeza, mesmo a gente sendo pobre, ficava bem”.

Ao ouvir essas e outras histórias de vida e morte, de emoções e saberes de crianças que não podiam ganhar forma de expressão, que não podiam ter o tamanho que têm, escrevo uma carta para minha avó (e para chegar na Lua também):

Vó,

Quando a senhora me conta que “naquela época” as coisas eram assim, o meu mundo se volta para o seu. Em um encontro entre nossas crianças, sinto medo dos seus medos e, juntas, usamos vestido largo e franzidinho e ficamos descalças. Brincamos de casinha embaixo do pé de café e de boneca de pele seca feita de espiga milho esbugalhado. Também cortamos as nossas mãos ao recolher capim santo para chá. Uma vez perguntei o motivo da morte da sua mãe e você me disse que não sabia, mas que achava que era porque ela te teve com mais de quarenta anos e que, desta vez, a Lua errou em te trazer naquela fase. Te respondo com o mesmo calor que eu sentia quando a senhora segurava as minhas mãos para acolher meu medo

de dormir: você era apenas uma criança. Só assim posso usar a palavra apenas para me referir a uma criança. Quero te dizer que criança, em qualquer época, não tem isso de culpa, muito menos de morte de mãe. O que a senhora é, pois, uma grande salvadora de instantes da vida,

Tati

Enquanto escrevia esta carta ainda não entregue, Francisco, que tem relação mais que bonita com a bisa, começava uma infinita investigação sobre o antes da vida e o que sucede a morte e me levou para as encruzilhadas das perguntas grandiosas. Registrei, então, uma sequência de questionamentos e considerações que ele fez sobre o tema. Apresento no próximo capítulo.

3. DIÁLOGOS MISTERIOSOS COM FRANCISCO, MEU FILHO

“É aquela conversa misteriosa, né mãe?”. Depois que Francisco fez dois anos, começou a se questionar e a nos perguntar sobre assuntos bastante filosóficos. Agora, ele está perto de completar 5 anos, as indagações continuam e não parece que se esgotarão. Trazem a palpitação, os sons, os silêncios e os ecos da vida e da morte, dos começos e dos fins.

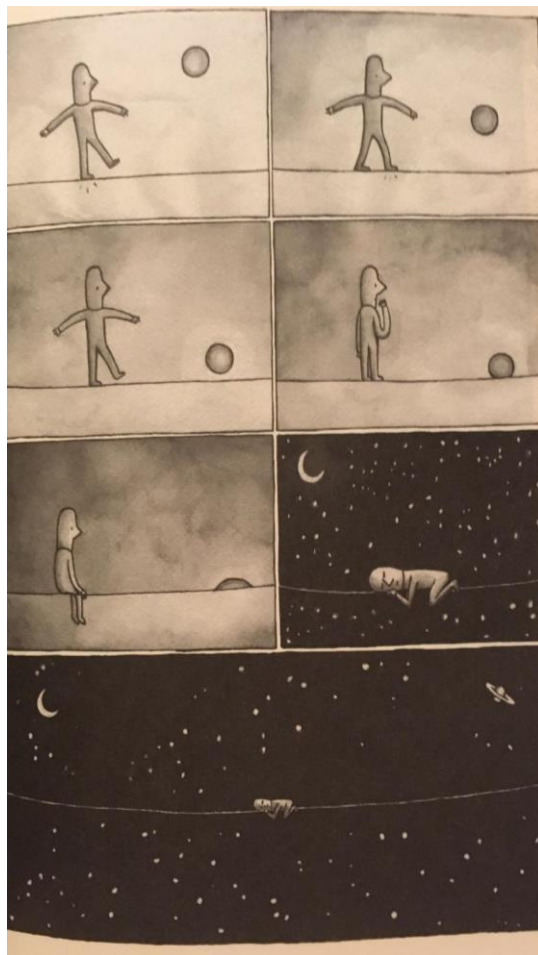


Figura 2

Fonte: Troche, 2021, s.p.

Normalmente, no cair do dia, ou antes de dormir, já com a Lua presente no céu, as perguntas começam a chegar. Francisco anuncia que vai falar sobre coisas misteriosas, pois, com algumas conversas colecionadas, percebeu que, para esse tipo de pergunta, as respostas são inacabadas, diversas e divergentes, pouco precisas, portanto, misteriosas. As vozes trêmulas, as lágrimas incontidas e as pausas também contribuíram para que ele nomeasse assim o assunto. No seu “Diário das Águas”, Gabriela Romeu (2022, p. 26) escreve que

Quando espiam as águas da janela, os irmãos ficam por dentro rebolando perguntas:
 é no solo úmido da mata que mora o silêncio?
 qual o som da piracema?
 o que cantam as vísceras da fome dos peixes?
 O correr do rio é uma forma de resposta.

Assim como o espiar das águas faz com que irmãos rebolem perguntas, meu filho vai se atiçando quando o final do dia está chegando. Desde bebê, não parece querer muito que acabe o dia. Se pudesse, não dormiria. Espia a noite e, então, começam as perguntas. Quase todas sem respostas pisando em chãos firmes, mas que geram conversas, silêncios de ressoar no infinito. Quem sabe o sonho, noite adentro, seja, também, jeito de perambular respostas às suas curiosidades.

Walter Benjamin (2022, p. 111) bem traduz esse momento, do qual Francisco comunga:

A luz da Lua saía lentamente do meu quarto. E muitas vezes este já estava escuro quando eu acordava pela segunda ou terceira vez. A mão era a primeira a ter de arriscar o mergulho por cima da beira da trincheira em que tinha encontrado abrigo contra o sonho. Quando depois a luz trêmula do candeeiro de noite a apaziguava a ela e a mim, eu chegava à conclusão de que do mundo nada mais restava senão uma única e insistente pergunta: por que razão existem coisas no mundo, por que razão existe o mundo?

As trincheiras do dia e da noite vão se apresentando e trazem os tremores, temores. Entre começar e terminar, surgem as dúvidas do “para sempre” e “nunca mais”. Essas expressões são recorrentes nos discursos de Francisco. “Terei mãe e pai para sempre?” “Nunca mais poderei colocar este tênis que ficou apertado?” “Esta será a nossa casa para sempre?” “Eu nunca mais vou comer chocolate?” (pergunta que veio depois de um dia de exagero no doce) “Você nunca me faz dormir” (reclamação após três dias sendo anoitecido pelo pai) ...

Registrei algumas conversas, que circundam a temática misteriosa, que ele teve especialmente comigo, com o pai e com a avó (minha mãe). Após a escrita de cada diálogo, faço algumas intersecções com trechos de livros que, para mim, compõem com as falas de Francisco. Apesar dos títulos que dei, das escolhas que fiz e da relação impossível de me retirar, tento não o interpretar com muitos textos meus após os diálogos. Esta foi a maneira que encontrei de convidar todo leitor para que faça a sua leitura. Rubem Alves (2010, p. 179) fala que “Há palavras que crescem a partir de dez mil coisas e palavras que crescem a partir de outras palavras. Seu número não tem fim. Mas há uma palavra que brota do silêncio, a Palavra que é o começo do mundo.”

Eu não quero morrer

- Mãe, eu não quero morrer.
- Você ouviu falar sobre morrer em algum lugar?
- Não, fui eu que disse mesmo.
- Como você sabe isso?
- É que outros já foram.

Adriana Falcão (2011, p.6) diz sobre idas, ao definir poeticamente a palavra Adeus: “É o tipo de tchau mais triste que existe”.

A palma do coração

- Mãe, o coração tem uma mãozinha batendo palma?
- O coração pulsa como a palma durante uma música.
- Mas o coração para de bater quando a gente dorme?
- Não, ele continua.
- Não para nunca?
- Em algum momento vai parar.
- Só quando a gente morrer?

— Isso.

— Mas e quando começa a outra vida ele bate de novo?

— ...

Para a palavra “último”, Adriana Falcão (2011, p.101) dá esta definição: “Que anuncia o começo de outra coisa”. Já “nunca”, ela descreve assim: “Palavra muito corajosa, mas quase nunca cumprida” (2011, p.64). Rubem Alves (2010, p.45) fala sobre o que pulsa nas crianças: “As crianças ignoram os relógios. Os relógios têm a função de submeter o tempo do corpo ao tempo da máquina. Mas as crianças só reconhecem os seus próprios corpos como marcadores do seu tempo.”.

O presente dado pela irmã recém-nascida

— A Catarina que me deu esse presente?

— Sim, quando ela nasceu.

— Você engoliu o presente?

Sonhando-se

— Bom dia mãe, é verdade que sou uma pessoa?

Em “Infâncias”, Severino Antônio (2019, p.43) faz uma escuta ativa de “histórias reais na poética dos dias”. Conta da descoberta de uma menina: “Verticalmente alegre, em leveza de êxtase, pouco pisava o chão, saltitando com os tons que cantarolava: *Eu sou eu... eu sou eu... eu sou eu...*”

O tempo da gente

— Pai, o tempo está passando depressa, mais rápido que a gente.

Oliver Jeffers (2020, s.p.) escreve para o filho que acabara de nascer um livro para “orientá-lo sempre que estiver perdido”. Em um trecho de “Aqui estamos nós”, parece responder Francisco: “Às vezes, tudo se move devagarinho aqui na Terra...

Mas quase sempre as coisas se movem rápido, então use bem o seu tempo. Ele passa num piscar de olhos!”

Eu não quero morrer, de novo

- Mamãe, eu não quero morrer.
- O que você acha que vai acontecer quando você morrer?
- Vai acabar o Francisco.
- Não se preocupe filho, você é criança.
- Criança não morre?
- Tem bebê, tem criança, tem adolescente, tem adulto, tem velhinho... Demora.
- Então a bisa vai morrer?
- Está mais perto de ela morrer, sim.

Em “A breve história da menina eterna”, uma mãe não quer que a filha saiba que a morte existe. Nesta conversa entre elas, a mãe demonstra sua necessidade de “segurar” a filha em vida:

Como vivem os velhos, mãe?, Vivem mais devagarinho, E para onde vão quando já não aguentam mais? Vão para onde nos esperam, É longe?, É ao fim do caminho, não se vê daqui, Posso ir lá agora? Eles estão ocupados, não podem receber visitas agora, só quando estiver tudo pronto, podemos ir amanhã?, Amanhã não, não deixarei que vás tão cedo (RIBEIRO, 2022, p. 51).

E Rubem Alves (2010, p.109) traz a metáfora do pôr do sol para o adeus: “O pôr do sol é triste porque nos conta que somos como ele: infinitamente belos em nossas cores, infinitamente nostálgicos em nosso adeus. A tristeza é o espaço entre o belo e o efêmero, de onde nasce a poesia.”

Continuar junto

- Pai, eu não quero nem que você, nem que a mamãe, morram.

— Filho, a gente sempre terá nossa relação. Muitas coisas ficam mesmo depois da morte.

— A gente vai morrer junto?

— Provavelmente não.

Após perder sua mãe, Roland Barthes escreve: “Uma vez, já no fim, meio inconsciente, ela repetiu em eco Aqui está (Aqui estou, foi o que nos dissemos um ao outro durante toda a vida)” (BARTHES, 2011, p.36). Ainda em seu diário de luto, Barthes se dá conta: “Eu não era como ela, já que não morri com (ao mesmo tempo que) ela” (BARTHES, 2011, p.231). Diz também: “A verdade do luto é muito simples: agora que mam. está morta, sou empurrado para a morte (dela, nada me separa a não ser o tempo).” (BARTHES, 2011, p.127).

Em “A breve história da menina eterna”, a personagem discorre sobre o curto tempo de vida que ainda tem: “Ainda há tempo na minha vida, e na minha vida há vida que não é minha inteiramente (...) Não vêes que continuarei?, só assim poderei continuar na verdade, a minha imortalidade está na vida que vou te deixar, ultrapasso-a, assim, a morte, vêes?” (RIBEIRO, 2022, p.80).

Morada

— Quando eu morrer a nossa casa vai continuar?

— Acho que sim.

Bachelard (2008, p.62) traz a imagem da casa como um lugar de “concentração do ser”: “A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico.” Já Gabriela Romeu, em seus registros a bordo do rio Amazonas, dá um depoimento sobre o viver naquela região abraçada pela água: “O povo das águas me ensinou que a vida é sempre recomeço...” (ROMEU, 2022, p.13).

Onda

— O mar existe todo dia?

Na música “Perguntas”, de Ruben Feffer e Gustavo Kurlat¹, eles expressam muitas dessas respostas que “ainda não dá para saber”: “Será que bate forte o coração da mata?/ Será que uma palavra pode desistir?/ Como é que se constrói sonho com sucata?/ Como é que a gente fica antes de partir?/ Tudo o que ainda não deu pra saber, tudo que ainda não deu pra saber...”

Onda também morre?

— Mãe, tem onda todo dia?

— Sim.

— A onda não morre?

— Tudo que é vivo morre.

— Tudo? Todo mundo vai morrer?

— Vai.

— Até os caçadores vão morrer?

— Vão.

— A Lola também? (Lola é nossa cachorrinha)

— Também.

— E a onda, não morre?

¹ Trilha do curta-metragem "Guida" (2014), de Rosana Urbes, vencedor do Anima Mundi 2014. Música original: Ruben Feffer e Gustavo Kurlat. Voz na faixa "Perguntas": Fabiano Augusto. Arregimentação: Marcelo Tupinambá Leandro.

— Toda onda morre, depois vem mais uma, mais uma e mais uma...
Assim elas não param de existir.

Em “A breve história da menina eterna”, a menina que passou grande parte da vida sem saber que a morte existia, agora estava grávida, a morrer:

O vento, o céu, os bichos e as ervas nada sabem da morte. Inconscientes da finitude, da sucessão constante da vida pela vida, da folha pela folha, substituem-se continuamente, não se distinguindo se são os que caíram se os que nasceram, são uma só coisa, uma só existência, uma só vida. Assim, nós, minha vida, que em nada és minha, és deste jardim sem começo. Assim seremos nós, uma a continuidade da outra. Deixar-te não é uma possibilidade, pois seguirei em ti. (RIBEIRO, 2022, p. 88)

Voo depois da morte

Um dia, vimos um passarinho morto.

— Eu quero que ele voe, disse Francisco.

— Ele não vai mais voar.

— Mas eu quero.

E ficou a observar o passarinho e a perguntar como ele sairia de lá.

Quantas mortes teremos?

— Mãe, depois que morre, vive de novo?

— É um jeito que eu gosto de pensar, filho.

“Serena Finitude” é um livro de conversas entre irmãs que “traduz o que a natureza ensina” sobre a morte, Serena é personagem curiosa e “sabe que morrer é sublimar, ascender” (ASSUMPCÃO e BISPO, 2022, p. 32) e que “rio: o ir” (2022, p. 25) tem “corrente que vem de uma nascente pequenina e seu curso não tem fim” (2022, p. 20).

Aparelho de ver avô

— Eu acho que não tem mais vida depois que morre.

— Por que filho?

— O pai do papai não sobreviveu depois que morreu. A gente deveria ter um aparelho para ver se acorda de novo quando morre, se vão viver de novo. Tem que ser alguém que sabe de quase tudo para inventar esse aparelho.

Novamente trago Adriana Falcão (2011, p.8) e suas palavras jogadas ao vento. A autora define “Ausência” como “uma falta que fica ali presente.”

Olhar a morte

— Pai, depois que a gente morrer com quais olhos vamos nos ver?

Voltando para a história da menina, cuja mãe “demite” a morte da vida dela: ao se encontrar pela primeira vez com um homem morto, se pergunta: “Para que sítio vais tu? Estás a deixar a vida, ou estás ela a deixar-te a ti? Entristeces, ou é esse um lugar feliz? Ainda me vês desse lado, ou desapareceram-te os olhos? Há outra espécie de vida aí ou tens só morte? Como é ela? Recebeu-te bem, a morte?” (RIBEIRO, 2022, p. 46). Com a certeza da morte mais assentada na personagem, ela diz: “Se calhar, uma vez morridos o mundo torna-se outro. O mesmo, só que passamos a vê-lo melhor. Ou a vê-lo de uma vez” (RIBEIRO, 2022, p. 64). Em outro trecho, diz: “Eu não sei nada da morte, compreendo apenas que desaparecerás, não estarás mais neste lugar, onde te alcanço.” (RIBEIRO, 2022, p. 80).

O mesmo céu

— A Lua sempre vai indo em todos os caminhos, não é? Ela anda no céu da gente.

Sem nada, ser nada

“Quem tem um amigo tem tudo...” (EMICIDA, 2019). Ouvíamos esta música, quando a conversa começou.

— Mãe, e se você não tivesse amigo?

— Eu seria triste.

— E se você não tivesse mamãe?

— Eu ficaria bem triste.

— E papai?

— Igual.

— Eu ia achar legal ter só mãe. Eu gosto mais da mamãe do que dos outros.

— Você gosta diferente, mas todos fazem sua vida ser boa como é.

— Mãe, e se você não tivesse nada?

— Eu seria nada.

— Você seria ar, fantasma ou estaria em outra vida.

A barriga da barriga

— Mamãe, onde eu estava antes de ir para a sua barriga?

— Que pergunta difícil, filho!

— Pergunta para um médico.

— Até para o médico é difícil.

— Mas, qual lugar eu estava?

— Tenta lembrar, filho.

— Eu não lembro.

— Onde você acha?

— Acho que na vovó Gegê. Mas era lá mesmo?

- Eu também não sei.
- Mamãe, onde eu estava?
- Acho que em um lugar bem bonito.
- Então eu estava em uma praça.

No “Dúvida”, Noemi Jaffe (2011, p. 81) traz uma poética para respostas de hesitação (como foram as minhas): “quando eu era pequena, tinha uma dúvida grave: se alguém perguntasse ‘você não acha?’ e eu respondesse ‘sim’, então queria dizer que eu acho ou que eu não acho?”

Em preparo

- Eu não sei onde eu estava quando você estava viva e eu não estava na sua barriga. Eu também não sei da Tatá (Tatá é Catarina, sua irmã), ela estava em outro mistério. Acho que o Cesco (Francesco é o amigo que nasceu com dias de diferença) estava quase no médico.
- Mas o que você acha?
- Eu acho que eu, a Tatá e o Cesco estávamos bebezinhos dormindo em um lugar que era bonito. Péra, você que deveria saber onde era, porque eu não estava acordado.
- Se você não estava acordado, como estava?
- A gente não muda de jeito de descansar, todos dormem do mesmo jeito. Eu estava dormindo e me preparando para ir na sua barriga.
- O que é se preparar?
- Se preparar é ir se preparando para ir em um lugar que você está mais crescido. (esfregou uma mão na outra bem rapidinho para mostrar como era se preparar).
- E antes de se preparar?
- Eu não sei, toda hora eu estava me preparando.

Uma personagem criança indígena, no livro “Menina Japinim”, conta seu percurso antes de virar passarinho (a menina e o bicho são o mesmo): “Morava eu na aldeia grande chamada Gavião-chorou. Morei antes na aldeia Banana-turquina. Antes

de antes morei na Aldeia Alma-Barranco. Antes de antes de antes morei no céu com a gente velha.” (MIRANDA, 2015, p.7)

Mistério de um longo dia

— Mãe, e depois que morre, o que acontece?

— É misterioso, como você diz.

— O mistério de depois que morre é difícil porque tem um longo dia, uma longa vida pela frente, depois que morre ninguém sabe. Eu tenho só quatro, eu ainda vou crescer muito.

Uma conversa entre a vida e a morte é trazida no livro “A breve história da menina eterna”: “Para além disto, a vida perguntou, ainda à morte: ‘Queres ver como basta à vida tomar conta da vida?’, e acrescentou, virando-lhe as costas: ‘Tu és evento, eu sou existência’”. (RIBEIRO, 2022, p. 76).

4. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: ESCUTANDO COMEÇOS, ARREDONDANDO FINAIS

No último capítulo do livro “A poética do espaço”, Bachelard constrói a fenomenologia do redondo e eu recorro a ele para o meu capítulo de desfecho:

... do enorme livro de Jaspers, *Von der Wahrheit*, extraio este julgamento lacônico: “Jedes Dasein scheint in sich rund.” (p.50) “Todo ser parece em si redondo.” (...) Assim, sem comentário Van Gogh escreveu: “Provavelmente, a vida é *redonda*.” E Joë Bousquet, sem ter conhecimento da frase de Van Gogh, escreve: “Disseram-lhe que a vida era bela. Não! A vida é redonda”. Finalmente gostaria de saber onde foi que La Fontaine disse: “Uma noz me faz redondinha”. (BACHELARD, 2008, p. 235)

Essa multiplicidade de olhares de arredondamento aportada por Bachelard me traz a ideia de finalizar fazendo uma curva longa, quiçá infinita do fim ao começo, do começo ao fim. Como é o Oroboro, um símbolo que aparece em diversas culturas para representar a criação do Universo. Eucanaã Ferraz (2009, p. 56) tem um poema do Oroboro em seu livro “Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos” que faz ver este ritmo do redondo:

Oroboro
 É uma cobra que morde o próprio rabo.
 É uma linha que nunca chega ao fim.

É uma cobra que morde o próprio rabo.
 É o início que morde o próprio fim.

É uma cobra que morde o próprio rabo.
 É uma cobra que nunca chega ao fim.

É uma cobra que morde o próprio rabo.
 É um círculo que une o não e o sim.

É uma cobra que morde o próprio rabo.
 É uma cobra que morde o nós e o mim.

É para frente e para trás a mesma coisa.
 É que nem a palavra: oroboro.

É uma capa mordendo a contracapa.
 É um livro que nunca chega ao fim.

Surge-me a imagem de um fio sem pontas. No livro “Fico à espera” (CALI, 2007), o personagem tem sua vida mostrada em fio assim. Na capa, já está com um pedaço do novelo nas mãos. A linha vermelha vai desenhando formas diferentes para os momentos da vida que se passam e provoca em nós uma experiência de sortida continuidade.

Há movimentos inerentes à vida e à morte e, em acordo com tais curvaturas, proponho ciclar o nosso escutar, estar. Enriquecemo-nos, assim, da convergência aos essenciais, da primitividade do que fomos, somos e seremos. Permitam-me finalizar concluindo poeticamente, à luz dos lampejos das crianças, algo que é absolutamente inconcluso: somos chegadas que se vão e despedidas que permanecem em nós. Somos redondos, espiralares, Oroboros, para sempre, nunca mais... Somos o rodopio que damos para desvendar mistérios.

Olho para o texto todo e vejo um ensaiar do “Somos”. Texto das escutas e escrita-transformação, mas em especial escrita-comunhão com as infâncias. Se são as crianças quem narram a vida, ouvi-las é essência: para sempre é já, e o mundo não pode nunca acabar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Planeta, 2015.

ANTÔNIO, Severino. **Infâncias: histórias reais na poética dos dias**. Cachoeira Paulista, São Paulo: Editora Passarinho, 2019.

ASSUMPÇÃO, Anelis. **Serena Finitude**. São Paulo: Editora Veneta, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única berliense:1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CALI, Davide. **Fico à espera**. São Paulo: Cosac Naif, 2017.

DROIT, Roger-Pol. **A filosofia explicada à minha filha**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EMICIDA. **Quem Tem Um Amigo (Tem Tudo)**. Álbum amarelo, 2019.

FALCÃO, Adriana. **Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento**. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

FERRAZ, Eucanaã. **Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2009.

GALEANO, Eduardo. **Os sonhos de Helena**. São Paulo: Livros da raposa vermelha, 2021.

GASTON, Bachelard. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JAFFE, Noemi. **Livro dos começos**. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

JAFFE, Noemi. **Quando nada está acontecendo**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JEFFERS, Oliver. **Aqui estamos nós**. São Paulo: Salamandra, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Terreno Baldio, um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias, por uma teoria sobre a espacialização da vida**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

MIRANDA, Ana. **Menina Japinim**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

PISOS, Cecilia. **Bichinho de Luz**. São Paulo: Editora Incompleta, 2019.

PRADO Jr., Plínio W. **O suplício da infância: notas sobre Bergman e a condição de *infans***. In: Devir-criança da filosofia: infância da educação / organizador Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

RIBEIRO, Rute Simões. **A breve história da menina eterna**. São Paulo: Editora Nós, 2022.

ROMEU, Gabriela. **Diário das águas**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2022.

PRATA, Antonio. **Nu, de botas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

TROCHE, Gervasio. **Desenhos invisíveis**. Lote 42, 2021.